

EaD: uma Visão Global dos seus Contextos e Aplicações¹

Paulo A. C. de Vasconcelos – Professor Doutor/Universidade Anhembi Morumbi²

George França – Professor Doutor/ Universidade Anhembi Morumbi

Luciana Santos – Mestre – Doutoranda/ Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

A presente comunicação discute o macro contexto da Educação a Distância (EaD) no Brasil e suas referências globais. Através da reflexão acerca de algumas ações do mercado contemporâneo e com o estabelecimento do foco de nosso estudo no micro contexto da nossa experiência como professores da Universidade Anhembi Morumbi. Apontamos os marcos referenciais na área da EAD, consignando destaques para a pesquisa em Educação a Distância.

Palavras-chave

Educação a Distância; Comunicação; Didática; Mercado

Introdução – o grupo e a pesquisa

O presente trabalho reflete a preocupação do grupo de pesquisa AMEAD que surgiu no curso de graduação em Pedagogia - Tecnologia Educacional, existente desde 1980.

O curso de Pedagogia da Universidade, criado em 1993, propunha uma habilitação na área de Tecnologia que, na verdade, era uma conjunção de teorias e práticas educacionais transversas ao campo da comunicação. Ali, alinhavam-se os efeitos didáticos do material audiovisual e sua aplicação no ensino-aprendizagem. A discussão - que se realizava em mão dupla: comunicação e educação, com vistas à aprendizagem - já foi exposta em

¹ Trabalho apresentado no II Intercom – Jornada de inovações midiáticas e alternativas experimentais.

² **Paulo Alexandre Cordeiro de Vasconcelos** é graduado em Direito pela UFPE. Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e Doutor em Ciências da Comunicação pela mesma instituição, nela atua como professor colaborador convidado. É também professor da Universidade Anhembi Morumbi

George França é Doutor em Educação/Currículo - Novas Tecnologias em EaD, pela PUC-SP. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Eng.- Mídia e Conhecimento pela mesma instituição, é professor da Universidade Anhembi Morumbi. Atua também como consultor e articulador de projetos instrucionais e desenvolvedor de sistemas de Educação à Distância. Desenvolve pesquisa em EaD - Produção do Conhecimento e Ambientes Hipermediáticos de Aprendizagem.

Luciana Aparecida Santos é graduada em pedagogia. Mestre em Gerontologia pela PUC-SP e Doutoranda em Educação/Currículo na mesma instituição. Pós-graduada em Design Tecnologia e Produção Gráfica. Professora de disciplinas on-line e presenciais na Universidade Anhembi Morumbi. Professora e consultora técnico-pedagógica em projetos de Educação a Distância e formação de professores, na PUC-SP em parceria com a Microsoft.

momentos anteriores, como na última edição do INTERCOM 2006, com foco em imagem e aprendizagem.

O curso de Pedagogia tinha como foco, especificamente, a produção com habilitação em Materiais Didáticos. Por força da Lei, teve de se adaptar aos novos ditames legais, que não mais permitiam habilitações específicas. Assim, a Tecnologia Educacional se transformou numa habilitação mais generalista, de formação de professores para uso de Tecnologias para o Ensino Fundamental. O grupo de pesquisa ali constituído, se aglutina, por conseguinte, a um novo grupo, buscando continuar a desenvolver sua tarefa, agora em um só grupo de pesquisa com metas de estudos de avaliação e metodologia em EaD. Surge, desse modo, o AMEAD – Avaliação e Metodologia em Educação a Distância, com registro em andamento no CNPq, dando continuidade a suas tarefas de pesquisas e reflexões.

Nosso grupo, assim constituído, busca discutir algumas variáveis temáticas, configuradas da seguinte maneira: Didática, Avaliação e Metodologia do Ensino - processos metodológicos; design instrucional; processos tecnológicos; plataformas; ambientes de aprendizagem hipermediáticos e formatação de campos epistêmicos.

Este artigo objetiva, desta feita, apresentar alguns dados da EaD no contexto macro brasileiro e algumas ponderações sobre o nosso trabalho como professores no que tange às variáveis acima expostas, resultado de nossas práticas, estudos e pesquisas.

O Novo tempo e a EAD – Marcos Contextuais

Os avanços tecnológicos gerados nas últimas décadas trouxeram grandes modificações no comportamento das pessoas. As informações estão, a cada dia, mais acessíveis e cada vez mais rapidamente chegam às casas e aos computadores daqueles que a elas têm acesso. A internet, como alavanca desse processo, representa a nova forma de divulgação da informação e, conseqüentemente, das novas formas de produção de conhecimento. As estruturas organizacionais das empresas e universidades também vêm se modificando de acordo com essas novas exigências tecnológicas e de mercado.

Grandes empresas nacionais e multinacionais - dentre elas bancos e outras grandes instituições financeiras – investiram, nos últimos anos, na criação de Universidades Corporativas, e departamentos de formação de profissionais, porque entenderam o potencial

da EaD como forma de atender suas demandas internas e externas, relativamente à capacitação e ao aperfeiçoamento de seus profissionais. Nesse cenário complexo, não só as empresas, como, principalmente, as Universidades, também investiram em pesquisa para a implementação de departamentos de EaD (principalmente as universidades privadas) e de Laboratórios de EaD (principalmente as públicas) assim como em outros mecanismos de gerenciamento dessa “nova” modalidade.

Mesmo assim, e em conformidade com esse fenômeno global, as tecnologias da informação e comunicação surgidas nas últimas décadas do século XX e, logo a seguir, no início do século XXI, combinadas às práticas educativas, ainda não estabilizaram uma práxis didática compatível e estável para o Ensino a Distância. Ele ainda vive, desse modo, uma fase experimental, composta por uma série de erros e acertos no tocante a seus processos estruturais, denotando, ainda, uma carência em perceber suas reais características de linguagem, tecnologia e contextos metodológicos.

Podemos notar que ainda há uma série de dificuldades no que diz respeito ao conjunto de seus sistemas, dentre elas os elevados índices de acessibilidade tecnológica por discagem por parte dos alunos - em detrimento das conexões por banda larga -, o que altera, significativamente, a qualidade de transmissão e recepção de dados. Outro fator a ser considerado é a dificuldade de acesso a máquinas e *softwares*. Por outro lado, observa-se uma nova visão do aluno e do professor sobre o “autodidatismo” e a organização de seu tempo. Também destacamos as funções descritiva, dialogal e apresentativa da escrita, combinadas aos novos parâmetros educacionais, ou seja, os designs instrucionais, combinados às didáticas aplicadas nas aulas *on-line*, bem como as formas de avaliação a que se submetem os alunos.

Muitos autores, dentre os quais Litwin (2001) e Mansur (2001), localizam a EaD nas esferas educacionais, mas realocam-na inserida nos marcos contextuais (sócio-econômico e político contemporâneos), o que condiz com nossa afirmativa anterior, no que tange às dificuldades de transmissão de dados e recepção. Os mesmos autores aqui apontados sublinham uma “avalanche” crescente desta modalidade de ensino, que se situa dentro de uma perspectiva de ampla democratização do conhecimento.

Além disso, é necessário ver a Educação como uma variável fundamental ao desenvolvimento econômico. O requisito “Educação” faz existir uma equação que

determina a formulação de superávits de capital nas políticas econômicas. Não se pode, então, tratar as questões econômicas e educacionais como variáveis distintas ao desenvolvimento, pois, na verdade, Educação e Desenvolvimento estão intrinsecamente associados. Como nos indica Pedroso, reafirmando perspectivas de Castells,

“Não se consegue entender uma sociedade desvinculada de suas invenções tecnológicas. A sociedade não determina o seu desenvolvimento, mas pode intervir no seu processo, principalmente por intermédio do Estado, para acelerar ou desacelerar a implementação das inovações e suas mudanças (...); os indicativos de bons investimentos, no século XX, ressaltam a educação como um dos investimentos mais rentáveis. (...) O Brasil tem planos de até 2010 ter 50% da população entre 18 e 24 anos em universidades” (Pedroso, 2006: 19-20).

A autora destaca, ainda, que um dos caminhos para se promover o acesso ao ensino superior é a EaD, destacadamente no que diz respeito às populações distantes de grandes centros e universidades. Todavia, o mercado de produtos educacionais, mesmo que ainda em curso de aprimoramento, vem se movendo em grande velocidade, com destaque para a década de 90. Ao adentrarmos o século XXI, percebemos um movimento crescente de procura pela EaD e, segundo a previsão do secretário federal de Educação a Distância, Ronaldo Mota (Brasil MEC Seed, 2007), a projeção é de que o número de alunos matriculados em cursos de graduação pela internet aumente de 114 mil em 2005, para 258 mil alunos até o fim de 2007.

Cabe ressaltar que, nesses novos tempos, todo esse crescimento causou mudanças significativas também na linguagem e nos significados de alguns processos relacionados ao desenvolvimento da EaD em relação a suas novas linguagens. Fala-se, hoje, de não-linearidade, hibridismo, sistemas hipermediáticos e tecnologias complexas, que proporcionam imersão e vivência nesse novo cenário, podendo ser traduzidas por fenômenos como: *Orkut*, *games*, videoconferências, *videoblogs*, ambientes hipermediáticos de aprendizagem, ciberarte entre outros. De maneira geral, tais fenômenos são diretamente relacionados à tradução de uma nova forma de pensar as relações interpessoais, a sociedade e a cultura.

Inserida nessa nova ordem, a utilização de recursos tecnológicos avançados em Educação passa a ser uma temática atual e, em meio a tantas outras, a questão que se sobressai é pensar a Educação a Distância que se quer e quais seriam os critérios para ela.

As Formatações Legais da EAD

As sustentações legais para a modalidade de Ensino “Educação à Distância” foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), regulamentada pelo Decreto n.º 5.622, de 20/12/05 (que revogou o Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 e o Decreto n.º 2.561, de 27 de abril de 1998), com normatização definida na Portaria Ministerial n.º 4.361, de 2004 (que revogou a Portaria Ministerial n.º 301, de 07 de abril de 1998).

Já com relação ao ensino superior, só em 3 de abril de 2001, a Resolução n.º 1 do Conselho Nacional de Educação estabeleceu as normas para a pós-graduação *lato e stricto sensu* (Brasil / MEC, SEED, 2007).

A portaria n.º. 2.253, de 18 de outubro de 2001, do Ministro de Estado da Educação, por sua vez, prevê que as instituições superiores do sistema federal poderão introduzir na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos a oferta de disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, com base no Art. 81 da Lei no 9.394, de 1.996. Logo a seguir, em 2004, a portaria do MEC n.º. 4.059/2004 expandia para as Universidades particulares a oferta de disciplinas em cursos superiores reconhecidos, na modalidade dita “semi-presencial”, até o limite de 20% da carga horária total do curso (MEC, SEED, 2007).

Panorama atual da acessibilidade no Brasil

Somos 22 milhões de pessoas conectadas à rede. Segundo o IBGE e o Comitê Gestor da Internet, o Brasil possui a décima maior população de internautas do mundo; todavia, ainda “engatinhamos” com relação à pesquisa sobre como a comunicação digital afetou nossa forma de pensar estruturalmente e o que trazemos para a sala de aula como referencial dessa mutação.

Em sua última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 23/03/2007, SP), o IBGE apresentou dados de que, no Brasil, 12 em cada 100 brasileiros têm acesso à rede e

8% possuem computador. Ainda segundo essa pesquisa, o acesso à internet cresce entre os brasileiros com maior nível de escolaridade. Entre os que estudaram quinze anos ou mais, o acesso à Web chega a 76,2% dos entrevistados; já, no grupo de pessoas que estudou até quatro anos, esse índice cai para 2,5%. Enquanto isso, a realidade de nosso país aponta que 79% de nossa população nunca acessou a rede: apenas 32,1 milhões de brasileiros já tiveram a oportunidade de navegar na internet. Para 37,2% dos entrevistados, o motivo da falta de acesso é o alto custo dos PCs.

Tais dados refletem o mesmo desequilíbrio sócio-econômico existente no país, quando pensamos numa perspectiva de acesso ao conhecimento tendo em vista os níveis salariais. Assim, a pesquisa também demonstrou que, no que diz respeito ao acesso à Internet, evidenciam-se as diferenças quando levamos em conta os rendimentos, o nível de instrução e a faixa etária. Com essa mesma coerência em relação ao uso do computador, a pesquisa mostra que 55% da população brasileira nunca utilizou um PC; 16,6% dos brasileiros possuem um computador em casa e 13,8% usam computador diariamente. Ora, tais dados já delineiam um perfil do aluno brasileiro e sua coerência com o atual estado da população e sua condição salarial, refletindo, assim, capacidade de interagir com as tecnologias da informação e comunicação (IBGE: 2007).

Segundo França (2006), e ainda em conformidade com os índices apontados, nos últimos cinco anos (2001-2006) observamos um crescimento intenso na oferta de cursos *on-line*, (sejam eles livres, graduações, disciplinas isoladas, especializações ou disciplinas corporativas) ditados pela pressão do crescimento do ensino médio em todo o país e pela demanda de vagas no ensino superior, acrescidos do baixo nível de formação dos cursos universitários – o que força o aluno a buscar complementação nas modalidades *on-line*.

Posicionando-nos frente às especificidades do ensino interativo - EaD, a ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância), na última edição de 2007 do Anuário de Educação a Distância, apresenta um crescimento da EaD no Brasil. Dentro de suas várias seções, o anuário traz alguns dados que merecem ser aqui ponderados. Vejamos: em 2006, o Brasil teve 2.279 milhões de alunos à distância matriculados em vários tipos de cursos (no ensino credenciado, na educação corporativa e em outros projetos nacionais e regionais). Isso aponta que um em cada oitenta brasileiros estudou por EaD no ano passado;

o número de alunos no ensino credenciado à distância cresceu 54% em 2006 e já chegou a 778 mil pessoas (ABED: 2007).

No Brasil, somam-se 889 cursos à distância (credenciados pelo Sistema de Ensino – MEC e Conselhos Estaduais de Educação, sem contar os cursos livres); só em cursos de graduação já são 205. A mídia mais utilizada em cursos a distância no país é o material impresso (86% das instituições o utilizam), enquanto a segunda mídia mais utilizada é o E-learning, com 56% (ABED: 2007).

A Universidade Anhembi Morumbi e sua trajetória no cenário da EaD

Ao usarmos como referência a Universidade Anhembi Morumbi, buscamos uma forma de apresentar, neste trabalho, uma instituição de ensino que se tornou referência em EaD por suas iniciativas dinâmicas frente ao mercado e a outras instituições também renomadas no Brasil e noutros países.

Segundo Carmem Maia (2003), a Universidade Anhembi Morumbi realiza pesquisas na área de tecnologia educacional desde a década de 80, quando utilizou recursos de videotexto e informática aplicada ao ensino superior. Em 1994, quando a internet apenas “engatinhava” no Brasil, criou seu primeiro curso de Extensão *on-line*, na área de Moda, com recursos simples no formato de “páginas na internet”, cujo conteúdo era composto apenas por texto em formato linear, apresentando pouca possibilidade de interação.

A autora também sublinha que a Universidade sempre apostou em tecnologias aplicadas à Educação, sendo uma das primeiras Instituições a investir em laboratórios de informática e a disponibilizar acesso à internet a seus alunos e colaboradores.

No que se refere à Educação a Distância (EAD), Maia destaca que, utilizando a internet como principal meio de comunicação, a Universidade a elegeru como uma das metas diretoras das políticas da instituição e tornou-se uma das pioneiras no início dos anos 90, momento em que não existiam LMS (Learning Management Systems) ou LCMS (Learning Content Management Systems), e ainda não se falava em ambientes virtuais de aprendizagem, nem tampouco havia empresas especializadas em produção de conteúdos *on-line*. Nessa época, ainda segundo a autora, os professores da área de Moda (uma das áreas de destaque da Universidade) se mostraram muito interessados nessa nova proposta e

aceitaram participar do Projeto, surgindo, assim, o curso “Universo da Moda”, sucesso por vários anos seguidos. Este curso constituía-se de um *site* protegido por *login*/senha e reunia algumas ferramentas de comunicação desenvolvidas na própria Universidade.

Seu sucesso fez com que outras propostas fossem viabilizadas, inclusive em áreas distintas das iniciais e, hoje, a Universidade conta com uma série de iniciativas e modalidades distintas dentro de diversas áreas. Em virtude das necessidades tecnológicas e do aumento da oferta de disciplinas *on-line* (portaria 2.253 do MEC de 2002, substituída em 2004 pela portaria 4.059, que regularizava a oferta de 20% da carga horária dos cursos reconhecidos em modalidades não presenciais). De 2002 até os dias de hoje (2007), os números da Universidade Anhembi Morumbi em EaD estão em crescimento, assim como a oferta de programas. Hoje, o Departamento de Educação a Distância conta com uma equipe multidisciplinar e pertence à Diretoria de Tecnologia Educacional, responsável por treinamento, desenvolvimento, produção, oferta e suporte a todos os programas à distância, atuando em parceria com vários setores da Universidade.

Ambientes de Aprendizagem

Existem, atualmente, vários ambientes de aprendizagem disponibilizados na rede, alguns de origem proprietária e outros livres. Podemos citar alguns exemplos desenvolvidos em escala internacional, como o *WebCT*, *WebFuse*, *TopClass*, *Mallard*, e o próprio *Blackboard*. Outros ambientes foram desenvolvidos em escalas de menor alcance, porém extremamente representativas. Algumas plataformas foram desenvolvidas por instituições de ensino superior, geralmente para suprir suas demandas internas; dentre elas, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), a Universidade Virtual Brasileira (UVB), bem como outras do mercado corporativo. Novos conceitos vêm sendo apresentados com os LMS livres (*softwares* livres – código aberto) que possuem os mesmos recursos e funcionalidades dos *softwares* proprietários. Para exemplificar, citamos os mais conhecidos: *moodle* (<<http://moodle.com/>>), *E-proinfo* (<<http://www.eproinfo.mec.gov.br>>), *Teleduc* (<<http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>>) e *Atutor* (<<http://www.atutor.ca/>>). Em breve, outras soluções serão oferecidas internacionalmente, com o mesmo propósito.

Em projetos de cursos à distância, esses ambientes de aprendizagem tomam lugar de destaque, considerando que as interações ocorrem nesses espaços e os conteúdos são apresentados e utilizados por alunos e professores. Para França (2006),

“em cursos à distância realizados pela Internet, os ambientes de aprendizagem tornam-se o espaço onde os recursos e ferramentas são organizados, assim como os conteúdos e atividades são disponibilizados aos estudantes pelos seus professores, permitindo a integração entre o design educacional e as necessidades de interação dos seus utilizadores”.

Ainda segundo o autor, em cada ambiente são apresentadas particularidades, de acordo com a abordagem que originou o seu desenvolvimento conceitual tecnológico. Elas se tornam visíveis no momento em que os cursos são postos em prática: pouca flexibilidade, muita flexibilidade, facilidade de visualização de dados, dificuldades de visualização de dados entre outros.

Assim sendo, os ambientes de aprendizagem realizam um *link* entre as várias distribuições de informação, conteúdo e interatividade entre os atores que participam de um projeto/curso de EaD.

O Ambiente utilizado pela Universidade Anhembi Morumbi

O *Blackboard* é um ambiente virtual de aprendizagem adotado pela Universidade Anhembi Morumbi Utilizado em sua totalidade, tanto por alunos e professores, quanto para apoio aos cursos presenciais e programas *on-line*.

Para entender melhor a ferramenta de comunicação educativa, é importante observar que ela apresenta diferentes tipos de visualização da interface, de acordo com as necessidades de cada usuário. Neste trabalho, enfocaremos duas delas:

- a visualização da interface pelo aluno;
- a visualização do professor, enquanto usuário, que pode administrar³ o sistema de gerenciamento de informação do ambiente.

³ O usuário pode publicar informação nova em todas as interfaces dos cursos, assim como modificá-las ou excluí-las. Permite essas mesmas ações com as informações que ele administra, assim como com algumas informações dos alunos *on-line*.

O aluno ou usuário pode visualizar grande parte das ferramentas do ambiente. Esse acesso ocorre com facilidade, embora algumas restrições se encontrem presentes como, por exemplo, não poder excluir, editar e publicar informações nas áreas em que o professor tem acesso como “publicador”.

Os professores possuem acesso às mesmas informações, porém, com mais privilégios ao sistema. Por meio das ferramentas *painel de controle*, acessam a área de gerenciamento e publicação de informação da disciplina, permitindo-lhes observá-la e gerenciá-la totalmente.

Área de Gerenciamento e publicação de informação

Aqui, o professor tem acesso às áreas de conteúdo, gerenciamento de usuários, ferramentas da disciplina, avaliações, opções da disciplina e, finalmente, à área de ajuda. Todas as ferramentas distribuídas são necessárias para que o docente administre seu planejamento, publicando avisos, notícias, material de aula, objetos de aprendizagem, além dos conteúdos necessários para um curso *on-line*.

De acordo com França (2006), este conjunto de ferramentas é elaborado para servir como guia de uso e de determinação de tarefas. Sendo assim, podemos supor três princípios:

- Primeiro - O aluno tem um roteiro planejado, exteriormente, no qual cria largas “avenidas” a serem seguidas;
- Segundo - O aluno deve desempenhar atividades que cumpram as finalidades do programa (geralmente: motivadoras, luminosas, simuladoras, interativas);
- Terceiro - O ambiente criado registra, orienta, demanda resultados de percurso e fornece a administradores informações sobre o desempenho do aluno.

O ambiente de aprendizagem foi explorado, aqui, em suas múltiplas funcionalidades, atentando tanto para o desenvolvimento da aprendizagem por parte do aluno, como para a organização sistemática do professor, que disponibiliza informações e conteúdos *on-line*. Além disso, ele oferece interfaces administrativas, proporcionando o controle à informação e aos acessos de seus usuários.

Considerações finais

A Pesquisa é, antes de tudo, uma ferramenta de aprimoramento do binômio Comunicação-Educação. Desta feita, seus resultados são refletidos e dão ensejo às alterações do nosso trabalho como professores.

O crescimento da demanda de EaD no Brasil, o investimento em plataformas como o *Blackboard* (bem como outras ferramentas adjuntas, como *links*, sistemas de gravações e imagens) tem, para nós, sumo valor, uma vez que estrutura além do conteúdo, nossa prática e oferece aos alunos uma maior possibilidade de representação e contextualização do conhecimento. Ao mesmo tempo, é bom lembrar que neste contexto, nossos propósitos educacionais não subsistem sem a arquitetura da comunicação tecnológico-comunicativa, nem projetos didático-pedagógicos.

O maior desafio é construir uma intertextualidade de forma a conduzir à uma ágil comunicação e aprendizagem. Outro desafio é estimular uma escrita eficiente do aluno, de modo a permitir expor suas respostas, e entendimento dos conteúdos numa escrita clara e que se respalde nos conteúdos propostos. Ainda outro grande desafio, finalmente, é fazer o aluno ter uma organização sistemática nas idas e vindas à plataforma e seus conteúdos atendendo ao calendário e prazos propostos de leituras e respostas, assim como comunicação para dúvidas junto ao tutor ou professor.

O ambiente hipermidiático já se incorporou ao cotidiano dos professores como algo que atravessa seu dia-a-dia e visa a atingir uma comunicação eficaz, seja ela no plano presencial, na sistemática dos cursos e disciplinas *on-line*. A mesma ferramenta propicia, nos cursos presenciais, estofo pra a comunicação entre alunos e professores, como também entrega de material didático, como textos para leituras, vídeos, e outros materiais áudio visuais. Tais ações, por esta ferramenta, são inclusive avaliada pelos alunos no desempenho do professor a cada semestre.

Podemos afirmar, assim, que a Universidade Anhembi Morumbi tem trabalhado em sintonia com a demanda nacional, se colocando no mercado de modo parcimonioso, no sentido de obter paulatinamente o conhecimento e amadurecimento de alunos e professores, de interagir com eles em suas dificuldades e particularidades. Para nós professores atores deste processo, o resultado é que, face ao conhecimento e à difusão deste novo cenário

apresentado, nossa prática é sempre resignificada, sendo que, ações de pesquisa e reflexão sobre: Didática, Avaliação e Metodologia do Ensino a Distância e seus processos, associados ao investimento institucional em estrutura e tecnologia, têm propiciado uma prática docente alicerçada em uma constante maturação epistemológica própria da pesquisa científica acadêmica.

Bibliografia

- Brasil, leis, decretos etc. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)*, nº. 9394/96. *On-line*. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf> . Consulta em 14/05/07.
- Brasil, leis, decretos etc. (2001). *Parecer 009/2001 do CNE/CP*. *On-line*. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/02101formprof.doc>. Consulta em 02.05.2007.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura (MEC). (2004). *Página oficial da Secretaria de Educação a Distância – SEED*. *On-line*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/index>. Consulta em 14.05.2007.
- BRASIL/MEC/SEED. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, dez./1996.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede – vol. 3*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FRANÇA, George. *A produção e concepção de conhecimento segundo os professores em ambientes hipermidiáticos de aprendizagem: uma análise a partir do olhar da experiência*. Tese de doutorado (não publicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- IBGE. Pnda. *On-line*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessointernet/default.shtm>. Acesso em 10.05.2007.
- LITWIN E. (org.): *Temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.
- LITWIN, Edith (org). *Educação à distância; temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- MAIA, C. (org.). *EAD Br. Experiências Inovadoras em EAD no Brasil*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2003.
- MAIA, M. C. MEIRELES, F. S., *O uso da tecnologia de informação para a Educação à Distância no Ensino Superior*. Tese de Doutorado em Administração de Empresas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2003.
- MANSUR, Anahí. *A Gestão na Educação à Distância: Novas Propostas, Novas Questões*. In: LITWIN, Edith (org.). *Educação à Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.
- MEC - MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO DO BRASIL - *Condição de Oferta de Cursos de Graduação*. *On-line*. Disponível em: <http://www.cond.oferta-mec.br/>. Acesso em 15.03.2003.
- PEDROSO Gelta M. Jonck *Fatores críticos de sucesso na implementação de programas de EaD via internet nas universidades comunitárias*. Tese de Doutorado - UFSC, 2006. *On-line*. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8766.pdf>. Acesso em 10.05.2007.

RISTOW, N. *Universidade em Foco*. Florianópolis: Insular, 1999.

SILVA, Marcos (Org.). *Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003.